

Marcas da decadência da ordem patriarcal em "Fogo morto"

Almir dos SANTOS*
Marcos Hidemi de LIMA**

Resumo: Esse artigo pretende efetuar algumas considerações a respeito da obra “Fogo Morto” (1943), de José Lins do Rego, com a finalidade de evidenciar como ocorre a decadência do mundo patriarcal, representada pela completa degradação do mundo dos engenhos do nordeste brasileiro, tal qual sucede com o engenho de Lula de Holanda Chacon, um dos personagens da obra em questão, a figurar como representante de uma sociedade que já não se sustenta nos velhos valores que a levaram ao ápice da glória e do poder. Para a apreensão dessa realidade de esboroamento da ordem patriarcalista existente nesse romance, empregamos o conceito "círculo fraturado", uma das terminologias utilizadas em “A permanência do círculo” (1987), de Roberto Reis, no seu estudo da hierarquização existente entre personagens ficcionais pertencentes à esfera do poder socioeconômico (núcleo) e à órbita dos desvalidos (nebulosa).

Palavras-chave: Fogo Morto. Ordem patriarcal. Narrativa regionalista.

Abstract: This article intends to make some considerations about “Fogo Morto” (1943), José Lins do Rego, in order to highlight the decay occurs as the patriarchal world, represented by the complete degradation of the world's mills in the northeast, as is the case with Lula Holland Chacon, one of the characters of the work in question, appearing as a representative of a society that no longer supports the old values that led to the summit of glory and power. To grasp this reality raveling the existing patriarchal order in this novel, we use the term "broken circle," one of the terminologies used in “A permanência do círculo” (1987), Roberto Reis, in his study of the hierarchy between fictional characters belonging to sphere of socioeconomic status (core) and the orbit of the destitute (nebula).

Keywords: Fogo Morto. Patriarchal order. Narrative regionalist.

1. Introdução

Lula é como se não soubesse das dificuldades por que passavam... naquela devoção, no seu rezar, era como um homem de outro mundo, fora de tudo que fosse terra, indiferente ao seu tempo. (p.176).

O romance “Fogo Morto”, do escritor José Lins do Rego, publicado em 1943, é uma narrativa regionalista que mostra a decadência na qual se encontra o mundo patriarcal resultante do processo de abolição da escravatura e, sobretudo, da passagem do mercantilismo, entendido na relação de senhor e seus escravos, para o capitalismo dentro da região dos engenhos do nordeste brasileiro com o advento das indústrias, nos quais alguns personagens como José Amaro, capitão Vitorino Cunha e o coronel Lula de Holanda Chacon,

* Graduando do curso de Letras: português-inglês, da UENP-CCP. Trabalho de Iniciação científica voluntária (2012), orientado pelo professor E-mail: almir_uenp@hotmail.com.

** Professor Doutor Marcos Hidemi de Lima, do CLCA-CCP, GP CRELIT.

entre outros, não conseguem se encaixar nesse novo quadro que se apresenta no Brasil do século XX.

José Lins do Rego, escritor regionalista pertencente à segunda fase modernista brasileira, sempre se preocupou em escrever sobre os engenhos no nordeste brasileiro, haja vista que sua biografia aponta para tal temática, uma vez que viveu boa parte de sua história em meio a engenhos de cana-de-açúcar.

Logo, sua vivência na órbita canavieira resultou em farto material para narrar com grande habilidade as singularidades de sua região, vista ainda hoje como um lugar com problemas não apenas de nível econômico como social.

Segundo Antonio Carlos Villaça (2002, p. 39), em nota introdutória ao romance, “Fogo Morto” é um imenso painel da sociedade rural do nordeste, na transição da economia mercantilista para economia pré-capitalista”, formando realmente uma sinopse de toda obra de Lins do Rego, na medida em que abarca o mesmo assunto das obras anteriores, porém nessa, condensando e realizando uma criação estética que consegue superar suas obras anteriores e, desse modo, permitindo que seja considerada até hoje sua verdadeira obra-prima.

Nela está fortemente tematizado “o final da era escravocrata em uma sociedade na qual a escravidão constituía a base sobre a qual se apoiava toda ordem sócio-econômica” (GOMES, 1981, p. 38), ocasionando a representação dessa classe de senhores de engenho em desestruturação e em decadência propriamente dita.

O presente artigo pretende contemplar o personagem Lula de Holanda como representante da decadência do mundo dos senhores de engenho tendo como espaço da narrativa, especificamente o engenho de Santa Fé, em que ele vive com sua esposa dona Amélia e a filha.

2. “Fogo Morto”: O reflexo da decadência do mundo patriarcal

No romance, o narrador pontua para o leitor como essa decadência se processa, bem como suas causas e consequências estritamente ligadas não só ao contexto social em que se apresenta, mas também pelo personagem Lula de Holanda Chacon. Na primeira parte do romance, o narrador já esboça ao leitor a situação de um mundo fraturado e em decadência:

[...] A vida daquele povo da casa-grande ninguém podia compreender. D. Amélia tocava piano. Era outra satisfação do seleiro. Em casa do Coronel

Lula havia piano. Era o único que existia por ali. Em Goiânia havia senhora de engenho que tocava piano. Por ali, só D. Amélia. [...] O velho Lula só andava de gravata, não saía de casa a pé, a filha estivera com as freiras do Recife, e havia aquela doida, andando dentro de casa sem parar, a irmã de D. Amélia. [...] E de que vivia aquele povo? As safras do Santa Fé não davam cem pães. Diziam que o velho todo ano ia ao Recife trocar moedas de ouro que o Capitão Tomás deixara para a filha (REGO, 1969, p. 30).

Para compreensão da decadência do mundo patriarcal, adotam-se aqui as metáforas “núcleo” e “nebulosa”, utilizadas por Roberto Reis no ensaio “A permanência do círculo” (1987), para justamente entender como se dá a relação do “patriarca” Lula de Holanda com os demais personagens, tanto os que compõem seu próprio círculo social quanto os que se localizam na esfera da “nebulosa”, como o personagem José Amaro e o negro José Paulino, entre outros, além de destacar a existência de um nexo entre essa relação com a decadência do engenho de Lula.

Com o objetivo de trazer uma compreensão adequada sobre tais terminologias empregadas por Reis, convém que seja observada a distinção, de caráter hierárquico, que ele efetua de modo a situar os detentores do poder econômico, social, etc. na esfera do núcleo e os desvalidos em geral no âmbito da nebulosa:

No centro ou núcleo está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa grande. Na nebulosa ou periferia, a bem dizer, todos os restantes. Precisando mais: na nebulosa circulam o índio, o sertanejo, o gaúcho e o negro. Ou seja: nela alinharia categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho), aglutináveis na medida em que não figuram no núcleo, sendo subjugados na base de uma relação de dominação, hierárquica. Efetivamente os figurantes do núcleo senhorial exercem domínio sobre os da nebulosa (REIS, 1987, p. 32).

Cumpramos ainda observarmos que as terminologias núcleo (ou centro) e nebulosa (ou periferia) das quais Reis (1987) trata, na citação acima, relacionam-se à esfera da ordem patriarcal, verificadas, sobretudo nos romances alencarianos. Entretanto isso não inviabiliza que tais conceitos sejam estendidos para a compreensão do universo de “Fogo morto”, nitidamente assinalado pelos velhos valores patriarcalistas que o saudosista Lula de Holanda luta para manter.

É importante o entendimento dessas metáforas porque nelas é que conseguiremos enxergar a relação hierárquica que se estabelece nesse mundo patriarcal dos senhores de engenho, havendo na figura de Lula de Holanda Chacon a expressão dessa resistência em permanecer como aparente representante dessa classe elevada como exímio senhor de

engenho, porém, incapacitado de enxergar que sua realidade local revela-se outra totalmente diversa.

Como ocupantes do centro, temos, pois, Lula de Holanda, sua esposa Dona Amélia e sua filha Neném. Em contrapartida, ainda que próximos aos componentes do núcleo, mas efetivamente inscritos na periferia, e mesmo morando em uma pequena parte da fazenda, localizam-se na órbita da “nebulosa” os desvalidos José Amaro, Dona Sinhá e sua filha Marta. A despeito dessa proximidade entre os integrantes do núcleo e da nebulosa, Amaro não almeja alcançar a esfera do núcleo (nem mesmo a mulher ou a filha), prefere ficar na sua vida humilde de seleiro. Sua esposa lhe é obediente, acatando tudo o que ele determinava, ou seja, ela não dispõe de voz em casa, revela-se bem submissa, haja vista que essa atitude das mulheres em relação aos chefes de famílias, sejam pobres ou ricos, é algo comum na época em que se passam os acontecimentos no romance.

Na terminologia de Roberto Reis (1987, p. 109), intitulada círculo fraturado, “dilui-se a hierarquia e ficam abaladas as ordens masculina e patriarcal”, estabelecendo consonância com o romance, pois se refere justamente à casa-grande da família Chacon, à qual Lula de Holanda passa a pertencer, ao casar-se com Dona Amélia, ocasionando um abalo não só financeiro como emocional para os componentes dessa esfera familiar.

Reis (1987) pontua exatamente a questão de que os romances que tratam da decadência do mundo rural, antes de mais nada, resgatam a cena senhorial com suas características, para mostrar como era antes e como se apresenta essa decadência. Tais apontamentos revelam a desestruturação dos engenhos do nordeste brasileiro, de modo a refletir não só no texto literário propriamente dito, bem como no modo memorialístico de produção literária de escritores ligados a esse mundo em que a lógica patriarcal perde sua razão de existir:

Acompanhei ainda o declínio da classe senhorial, não ameaçada no século XIX – círculo cheio -, posta em xeque – círculo fraturado – nos romancistas de alguma forma atrelados ao surto regionalista de 30. A decadência do mundo rural, tematizada por estes escritores, fará com que busquem recuperar a cena senhorial ao nível do texto, além de recorrerem ao memorialismo, tão marcante na ficção da época (REIS, 1987, p. 16).

De fato, José Lins (1943) recorre ao memorialismo posto que ele viveu boa parte da sua vida em engenhos de cana-de-açúcar, para descrever com grande destreza o verdadeiro cenário da classe senhorial e, posteriormente, sua degradação, estabelecendo um paralelo de como era o mundo dos engenhos no sistema mercantilista, na relação senhor e escravo e, mais

adiante, como se apresenta esse mesmo mundo dos donos de fazenda com o advento das indústrias e a abolição da escravatura. “Fogo Morto” apresenta na verdade o fechamento do chamado ciclo da cana-de-açúcar, tendo em vista que encerra todo um conjunto de suas obras anteriores que tematizava o mundo dos engenhos das fazendas canavieiras do nordeste brasileiro.

Um ponto interessante de se perceber ao longo da narrativa é justamente a persistência do narrador em mostrar como se encontra a composição dos componentes do círculo da casa-grande:

Seu Lula já estava velho. D. Amélia era aquela criatura sumida, mas sempre com seu ar de dona, Neném uma moça que não se casava, D. Olívia falando, falando as mesmas coisas. Esta era a casa-grande do Santa Fé (REGO, 1969, p. 191).

Esse patriarca não tem habilidades e nem conhecimentos específicos no que concerne a uma boa administração da fazenda. Pouco a pouco, a fazenda vai se tornando cada vez menos produtiva, chegando a tal ponto que sua mulher acaba assumindo as rédeas da fazenda, vendendo galinhas para o próprio sustento da família. O que se evidencia, portanto, é que Lula – mesmo pertencendo à esfera do poder – não faz nenhum esforço para que seu patrimônio cresça não representando com tal atitude um verdadeiro patriarca dominador como tipicamente encontramos na esfera do centro ou núcleo.

Temos na verdade, um homem que vive em seu mundo particular, cuja mentalidade se encontra no século passado, quando o coronelismo esteve no auge. Ademais, nele ainda se mantém a forte relação senhor *versus* escravo, derivada da relação de dominador e dominado, superior e vassalo, etc., característica entranhada no coronel Lula de Holanda. Essa mentalidade vai ser um forte elemento para a decadência sobre a qual José Lins do Rego discorre no romance “Fogo Morto”.

3. Capitão Lula de Holanda Chacon: Patriarca em decadência

O fato de Lula de Holanda permanecer com uma mentalidade restrita e reclusa, traz como resultado disso quase ou nenhuma amizade para si mesmo, mantendo um atrito já no início na trama, com José Amaro. Este, juntamente com esposa e filha moravam de graça em uma singela casa nas terras da Fazenda de Amélia. Na visão de Lula, José Amaro não deveria

morar de graça em suas terras. José Amaro tem consciência de que Lula é um homem que quer se manter no mundo das aparências e que está em decadência, porém, sente medo de ser expulso do lugar em que viveu toda sua infância e boa parte da vida adulta.

José Amaro em uma conversa com Pedro boleeiro não concorda com a arrogância e extremo orgulho de Lula só porque tinha um engenho de cana-de-açúcar. Mas, tanto José Amaro quanto Lula de Holanda são orgulhosos. Cada um expressa isso de modo diferente. Lula, por exemplo, ao utilizar o seu carro, não acenava às pessoas; se mantinha sempre de pescoço erguido e reto. Já Amaro, tinha seu orgulho e não prestava seus serviços de seleiro para qualquer pessoa. Se Amaro não fosse com a cara de uma pessoa, ele não prestava o serviço. Só prestava o serviço, se realmente estivesse precisando do dinheiro naquele momento. A visão de Amaro é incisiva sobre o orgulho de Lula de Holanda:

[...] O coronel Lula passa por aqui, me tira o chapéu como um favor, nunca parou para saber como vou passando. Tem o seu orgulho. Eu tenho o meu. Moro em terra dele, não lhe pago foro, porque aqui morou meu pai, no tempo do seu sogro. Fui menino por aqui. Para que tanto orgulho? Não custava nada chegar ele aqui e me perguntar pela saúde (REGO, 1969, p. 13).

Esse coronel sempre passa de “cabriolé”, isto é, um carro antigo de luxo que os detentores de riquezas possuíam, e circulam nos meios públicos como mostra de superioridade e arrogância. Mas, esse carro existia desde a época do pai de Dona Amélia, e isso se revela como um dos indícios que o narrador apresenta em relação à precariedade que impera nesse mundo do engenho do Santa Fé.

Lula de Holanda sempre usava camisa e gravata e costumava fervorosamente frequentar a igreja com sua família, e a população achava estranha aquela atitude de seguir aquele local com veemência, haja vista que ele não era visto como uma pessoa de bom coração; pelo contrário, era rígido com todos e até com sua própria esposa, que por sua vez era submissa a todos seus caprichos.

Lula de Holanda procura resistir à decadência, enquanto pode, através de símbolos da sociedade escravista. São habitus exteriores que disfarçam mal a degradação interna de um modo de produção ultrapassado. Nas joias, nas vestimentas e na arrogância ataca realidade adversa com olhos no passado. Quando não pode mais, refugia-se nas rezas (ABDALA JUNIOR, 2000, p. 270).

Sobre essa religiosidade extrema, o narrador revela de forma incisiva essa questão, descrevendo com detalhes os procedimentos desse personagem dentro da igreja:

O capitão entrava na igreja, com a barba preta e o terno de casimira, com a cabeça pendida para o chão, e batia nos peitos, e rezava como uma devota. [...] Na Semana Santa ia com Amélia fazer a sua páscoa. Era bonito vê-lo de casimira preta, na mesa de comunhão, com a cara grave, e os olhos baixos para a terra, uma piedade de devoto de coração, de verdade (REGO, 1969, p. 166).

Verifica-se que era apenas na igreja, ou melhor, nesse ambiente sagrado, que ele se apresentava e agia como homem educado, temente a Deus, sem deixar transparecer nenhuma suspeita de que, na realidade, ele se portava como um homem agressivo e orgulhoso em seu lar, com sua família e os que o rodeavam.

A única pessoa de quem Lula de Holanda parece realmente gostar e que defende com unhas e dentes é sua filha, porém, sequer deixa-a namorar um rapaz que ela conhece em uma festa. Sua proteção à filha se efetua de forma exacerbada e, dentro da narrativa, depreendemos que tudo que Lula faz parece ser realizado de modo exagerado, apresentando completa dissonância com o mundo exterior.

Em casa êle só via a filha. Dizia sempre que Neném era a cara da sua mãe. Nunca vira semelhança igual. Tinha tudo da família de Recife dos velhos Chacon, gente que sabia entrar e sair, gente de trato, sem aquela bruteza dos engenhos. D. Amélia não contrariava o marido mas sentia-se com aquêles falar de desprezo com os seus (REGO, 1969, p. 169).

Lula falava tão mal do engenho, mesmo sendo ele próprio, um membro pertencente ao “núcleo”. Por conseguinte, tal procedimento revelava traços de rudeza, na medida em que destratava as pessoas com as quais mantinha convívio. Caracterizava-se por viver sempre de mau humor e de cara fechada.

De acordo com Abdala Júnior, “esse narcisismo doentio encontra sua expressão maior em sua filha não deixando a filha se casar e ter uma vida feliz e da mesma forma que José Amaro, detestava as pessoas de nível inferior ao seu. E ficou com a filha solteira, como também ocorreu com o mestre seleiro” (2000, p. 271). José Amaro tem uma concepção sobre ser humilde e não tem vergonha de ser assim, porém, ele não queria que a filha casasse com uma pessoa como eles, pobre financeiramente falando.

Conseqüentemente, Dona Amélia começa a refletir e vê que o marido está obcecado em proteger a filha. Ela passa a perceber que a sua vida, antes do seu casamento, era uma vida estável, sentindo que, antes, ela era muito bem acolhida em sua casa pelo conforto e carinho

de seus pais, agora já não mais vivos, impossibilitando-a de poder compartilhar com eles a dor que estava vivenciando:

Fôra ingrata com ela. Uma das coisas que mais lhe doíam era pensar na morte dela, depois daquela noite da discussão com Lula. Tudo por causa de Neném. Aquêlê amor de seu marido, aquêlê cuidado pela filha, não podia ser boa coisa para criação da moça. E era todo o pensamento de D. Amélia (REGO, 1969, p. 170).

Antigamente quando o engenho de Santa Fé era comandado pelo Capitão Tomás Cabral de Melo, apresentava ares de produtividade em que a convivência ocorria naturalmente:

A casa-grande do Santa Fé, naquela tarde de concertos, tinha outra alma. Mãe, pai, negros participavam de uma existência bem diferente da que viviam. Outra vida, outra força mandava naquela gente enfeitada. As negras faziam que a menina tinha umas mãos que eram como se fosse uma vara de cordão. O capitão Tomás Cabral de Melo chegara ao ponto mais alto de sua vida. O que mais podia desejar um homem de suas posses? Família criada, engenho moente e corrente, gado de primeira ordem, partidos de cana, roçado de algodão, respeitado pelos adversários (REGO, 1969, p. 139).

Nesse sentido, o pai de Amélia é um grande exemplo de personagem pertencente ao núcleo, ao reduzido círculo dos que detém e impõem o poder, visto que comanda suas terras com maestria, fazendo suas rendas se expandirem cada vez mais e mantendo a estabilidade econômica no sertão nordestino. Tal representação na órbita familiar e social vem corroborar com a afirmativa de Reis (1987):

A partir do senhor de engenho (ou do fazendeiro), patriarca que, dominador, ocupa o centro, eram marcados os lugares sociais dos que não pertenciam à casa grande. Entre estes se alinham os escravos das plantações e os domésticos (estes hierarquicamente superiores àqueles) bem como os agregados que “dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias” assevera Sérgio Buarque de Holanda, lembrando que a própria família deriva de *famulus*. Achando-se, por sua etimologia, estreitamente ligada à ideia de servidão. (REIS, 1987, p. 26)

O Capitão Tomás sentia o desejo de casar sua filha com um bom homem. Certo dia aparece em visita à sua casa, um rapaz de Pernambuco, filho de Antonio Chacon. Mal sabe ele que o casamento de sua filha com esse homem arruinará para sempre o grande império que tanto havia lutado para construir e manter com dedicação e esforço. Todos da casa-grande,

inclusive Amélia, ficam encantados com a boa “aparência” de Lula, assim chamado por todos dessa família.

Lula de Holanda até antes da morte de seu sogro apresentava uma feição estranha e ambígua. Após o casamento, quando foram morar na casa de Amélia, Lula mostrava um comportamento muito sereno e tranquilo, lia jornais, mantinha-se calado boa parte do tempo, com um olhar às vezes distante, dando a entender que refletia sobre alguma coisa de sua vida. Evidencia-se nesse comportamento que ele não apresentava postura de patriarca preocupado com as questões da fazenda, e o sogro não gostava dessas atitudes tidas como “estranhas e inquietantes” de um homem que futuramente o iria suceder no engenho de Santa Fé. Dessa maneira, Capitão Tomás sente medo pelo futuro da fazenda, percebendo que o genro não se preocupa com as questões em torno da fazenda:

Aquela terra que ele moldara ao seu gosto, que ele povoara, tratara, lavrara, talvez que, com sua morte voltasse ao que fora, a um pobre sítio, a uma pobre terra sem nome. Não acreditava no genro. E tudo isso o consumia (REGO, 1969, p. 151).

Depois de certo tempo, o capitão começa a definhar de angústia devido a um negro que havia fugido de sua fazenda e, já com sinal de velhice, sente não lograr mais êxito em tocar com perfeição o seu engenho:

O senhor de Engenho do Santa Fé saíra atrás dum negro fugido e não tivera força para trazê-lo para sua senzala. Era muita humilhação. E depois, ele mesmo se considerava sem préstimo, um homem sem energia. O que fizera? Lá estava uma filha, com aquela agonia, lá estava Amélia, toda de seu marido que nada sabia fazer (REGO, 1969, p.156).

Depois de algum tempo, a abolição acontece. Nesse fato revela-se um ponto importante, pois é a partir desse acontecimento que visualmente esse círculo patriarcal começa a definhar, porque não existe mais o trabalho braçal dos escravos. Ele próprio tende a ignorar a vida na fazenda, que acaba entrando em declínio.

Chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para os outros engenhos. Ficaria somente com seu Lula o boleeiro Macário, que tinha paixão pelo ofício. Até as negras da cozinha ganharam o mundo. E o Santa Fé ficou com os partidos no mato, com o negro Deodato sem gosto para o eito, para moagem que se aproximava. Só a muito custo apareceram trabalhadores para os serviços do campo (REGO, 1969, p. 168).

As pessoas começam a comentar sobre a crise em que entra a casa-grande do Santa Fé, e isso aborrecia D. Amélia. O curioso era que Lula de Holanda não enxerga essa situação e ainda preferia permanecer no mundo das aparências. Esse procedimento revela que ele “é pois um proprietário do tipo pré-capitalista e de espírito aristocrático, que não deseja adaptar sua economia e modo de pensar às condições capitalistas do mercado mundial” (GOMES, 1981, p. 42), sendo isso a razão pelo seu verdadeiro definhamento representado na narrativa.

Apesar de ser um homem rude, Amélia o amava e não entendia porque o marido agia daquela forma, com extrema arrogância; mas, por outro lado, tinha pena dele, pois este sofria de ataques: caía ao chão e começava a se contorcer, até que rapidamente o socorriam. Quando isso ocorreu pela primeira vez, Amélia fica assustada:

Os negros se foram de cabeça baixa, e ela viu pela primeira vez uma coisa horrível. O seu marido empalidecer, procurar o sofá e cair com o corpo todo se torcendo, como se tudo nêle fôsse se partir. Aquilo durou uns minutos, mas foram os instantes piores de sua vida. A baba branca que saía da boca de Lula, o bater desesperado dos braços, das pernas, fizeram-lhe medo. Correu para dentro de casa. E não havia uma viva alma lá dentro. Tôdas as negras tinham se ido. A casa vazia. Só Olívia no quarto falava, falava sem parar. Voltou para a sala e viu que Lula voltava a si, e teve pena de ver o marido no estado em que estava (REGO, 1969, p.171).

Pouco a pouco os ataques aconteciam, tornando-se cada vez mais recorrentes. Muitas vezes ocorriam em lugares públicos, e isso era uma verdadeira oportunidade para a população comentar o declínio da fazenda Santa Fé, transformando-se em notícia predileta na boca do povo. Vale a pena destacar a interpretação de Abdala Júnior (2000, p. 271) sobre a razão dos ataques do capitão: “os ataques nervosos não são oriundos propriamente de uma causa física. No plano figurativo do romance, eles vêm de uma disritmia existencial”. Com efeito, Lula de Holanda é um homem amargurado, que está descontente com o lugar em que vive e reage com aspereza sempre quando alguém se aproxima dele.

4. Casa-grande do engenho Santa-Fé: A desestruturação da família Chacon

Tanto Lula de Holanda, quanto o seleiro José Amaro apresentam comportamentos parecidos inclusive no que se refere aos ataques que sofriam. Obviamente, há distinções entre ambos: José Amaro pobre e humilde, pertence à esfera da “nebulosa”, ao passo que Lula é um elemento pertencente à esfera do “núcleo”. Ambos estão em total descompasso no que

concerne ao tempo histórico e, logo, apresentam certa alienação, na medida em que não enxergam a real situação social daquele momento.

Com a visão desfocada e deslocados da realidade, não suportam as tensões dos embates. Interiorizam-nas, matizando-as de rancor e de revolta, como forma de resgate de valores passadiços. Emparedada está também a antiga família patriarcal: podem ser observados, nesse sentido, as situações de dona Olívia e de Marta. A loucura não é refúgio, mas uma forma de resistência onde as personagens não se submetem. Afastam-se por isso dos padrões de “normalidade”, por exemplo, de dona Amélia, respeitada por todos, submissa ao marido e que racionaliza sua prepotência (ABDALA JUNIOR, 2000, p. 271).

Desse modo, são personagens que contribuem para desestruturação do modelo de família patriarcal existente na época. Sob essa semelhança entre eles, vale a pena destacarmos a ótica de Villaça (2002, p. 37), que assinala “Duas terríveis solidões que se defrontam - A de Lula e a de Zé Amaro”. É forte a imagem do seleiro batendo martelo freneticamente quando ficava nervoso, na maior parte do romance. Lula caminha pelas estradas com seu “cabriolé” a “tilintar insistentemente as campainhas numa afirmação de poder” (2002, p. 37).

Posteriormente o narrador novamente revela o declínio do engenho de Santa Fé e a situação de angústia de Dona Amélia que acaba sendo uma vítima desse sistema patriarcal que não existe mais, contudo um mundo que seu marido ainda pensa que se existe.

E assim corria os anos no Santa Fé. Safras pequenas. Não havia feitor que parasse, o eito minguido, mas a vida da casa-grande sempre fora como fora.[...] D. Amélia envelhecera de repente. [...] D. Olívia era a mesma coisa, como se o tempo não existisse para ela. Falava as mesmas palavras, tudo para ela era como do tempo de sua infância. Chamava pela negra que não existia, e falava, falava. Para ela vivia ainda a velha mariquinha, o capitão Tomás. O mundo não andava para D. Olívia. Para D. Amélia andava de verdade, o mundo. Andava demais. Ficara uma velha, em tão pouco tempo. Desde aquele dia do ataque de Lula que ela não tivera mais alegria nenhuma em sua vida (REGO, 1969, p. 175).

Nesse sentido, percebemos que a casa-grande está em plena desestruturação: os que a habitam entram em crise, e Lula não só está se autodestruindo, como também leva sua família à beira da amargura, haja vista que seus procedimentos e atitudes prejudicam todos os componentes desse círculo fraturado.

Esse “patriarca” mantinha sua fé em Deus, porém não gostava dos homens:

[...] Às vezes acompanhava a filha, pois era a única alegria de sua vida vê-la mais bonita, mais falante mais distinta que todas as outras. Pensava em Deus

e se recolhia ainda mais. Deus era o seu consôlo. A sua força para resistir ao desânimo daqueles dias que vinham, terríveis, depois do ataque. Mas amava a Deus, e odiava a todos os homens (REGO, 1969, p. 181).

Na visão de Lula, Deus seria a resposta de tudo e a salvação de sua alma, que se encontrava aflita e em divergência consigo mesmo. Toda vez que a sua febre e atormentações diminuía, Lula tinha plena convicção de que era resultado de sua intensa penitência e fortes orações dirigidas ao Espírito Santo.

Dentro dessa aparente calma, um dia ele acaba explodindo de raiva, ao saber por terceiros que a filha estaria tendo um romance com um promotor da cidade. Pelo fato de o rapaz passar diante de sua casa rumo à outra fazenda chamada Santa Rosa, julgou que sua mulher e sua filha estavam mancomunadas contra ele:

- Hein, menina sem-vergonha? Eu bem sabia que tu estavas aí esperando aquê cachorro, hein?
Neném, estupefada, não teve coragem para uma palavra.
- Tu chegaste aqui, hein? Tudo está combinado.
- Combinado o que, Lula?
- Hein, pensam que me enganam? Vai lá para dentro, Neném. [...]
- D. Amélia mansa, com a voz trêmula:
- Mas Lula, você não está vendo que não há coisa nenhuma? Que tudo isto é sonho seu?
- Sonho, hein, Amélia? Ninguém me engana.
E com a voz dura:
- Mato essa menina e ela não se casa com este cafajeste. Ouviste, Amélia?
(REGO, 1969, p. 187).

A discórdia entre a família do Santa Fé ocorre e aumenta à medida que há divergências entre os familiares, quando o pai de Neném começa a expressar seu mau humor contra tudo e todos. Evidencia-se, portanto, que o círculo em que vive a família da casa-grande está fraturado e os componentes passam a apresentar elementos de desarmonia.

O marido de Dona Amélia não contraía dívidas, porém, não fazia a fazenda progredir, estava envolvido numa espécie de casulo, esforçando-se para manter o mundo das aparências:

[...] Aquela barba de seu Lula era toda branca, e as safras de açúcar e de algodão minguavam de ano para ano. As várzeas cobriam-se de grama, de mata-pasto, os altos cresciam em capoeira. Seu Lula, porém, não devia, não tomava dinheiro emprestado. Todas as aparências de senhor de engenho eram mantidas com dignidade. Diziam que todos os anos ia ele ao Recife trocar as moedas de ouro que o velho Tomás deixara enterradas (REGO, 1969, p. 212).

De fato essas aparências com o passar do tempo foram ficando cada vez menos evidentes. Começa-se a se delinear para a população a real situação financeira dessa família, haja vista o próprio “cabriolé”, espécie de carro que fora dos tempos do pai de Amélia, mas que por sinal ainda utilizavam para ir às compras e a igreja.

Em um dos diálogos entre Adriana, esposa de Amaro, e a esposa de Vitorino – um homem idealista que tinha fé na política como forma de resolução dos problemas locais - esta primeira expressa sua dor e angústia ao ver a condição do marido em decadência:

- Que é que há comadre?

- Eu não posso mais.

E caiu nos seus braços, aos soluços. Deixou que ela se acalmasse

- O que aconteceu?

- Comadre, eu prefiro a morte a viver mais tempo naquela casa. Uma coisa me diz que ele tem parte com o diabo. Eu nem sei dizer o que sinto. É uma coisa lá dentro me dizendo isto. É uma voz que escuto, de dia, de noite, até dormindo. [...] Agora que brigou com o Coronel só fala em matar, em briga, no diabo. A filha lá longe sofrendo, e o monstro sem se importar. Coitada da bichinha (REGO, 1969, p. 247).

Ambas as personagens nesse diálogo expressam seus sentimentos de dor, revolta e tristeza para com a vida que estavam levando, mas, não lutam para mudar essa perspectiva. É como se aceitassem mesmo conscientes sua condição de completa degradação. Em seguida, Adriana, tentando consolar a amiga, diz:

- É triste, comadre Sinhá. Mas Deus dá jeito a tudo. Essa briga do compadre vai dar em desgraça. O povo do Santa Rosa vai ficar do lado do Coronel Lula. O compadre está pensando que a proteção do capitão dura sempre. No fim, quem vai agüentar o repuxo é ele só. Não sei como um homem de juízo como o compadre José Amaro, se mete nisso (REGO, 1969, p. 247).

O que é de extrema relevância a se perceber é que as personagens femininas no romance, tal como Dona Amélia e Sinhá Adriana, ficam numa posição submissa não sabendo o que de fato fazer para resolver a situação em que estavam seus respectivos maridos, acabando por irem para a ruína juntamente com eles.

Um dado importante a se dizer é que o seleiro José Amaro pertence à esfera da nebulosa, isto é, à periferia, tinha conflitos dentro da sua família, tendo em vista que tinha uma única filha com distúrbios mentais. Amaro não entendia os procedimentos nada comuns da filha e em muitas vezes acaba batendo nela. Sua salvação dessas surras em muitas vezes era sua mãe, Dona Sinhá. Com isso, a população ao redor tinha receio de Amaro, pois este era

muito bravo e não tinha medo de ninguém e sempre dizia o que pensava o que lhe via à cabeça, não se importando com as conseqüências e uma delas foi a expulsão de sua casa, que tanto adorava.

Apesar de sua atividade deixá-lo muito cansado devido ao esforço físico, é no ambiente de trabalho que, muitas vezes, durante o som do bater do martelo, reflete sobre sua vida e sobre a situação em que vive. Quis se mostrar tão valente ao longo da narrativa, que no fim, surpreende a todos com sua morte, dando a entender que por detrás de sua aparente valentia, havia um homem com sentimentos e que estava sofrendo. Sua morte foi uma libertação de todos esses males que o incomodava.

Em uma das idas ao Santa Fé, ou melhor, das poucas vezes em que esteve na casa-grande, punha-se a pensar sobre a vida, sentindo saudades da filha que fora internada à força em um hospício, por problemas que julgavam não serem normais. O narrador revela o sentimento de amargura de Amaro:

O mestre Amaro, desde aquela tarde em que estivera no Santa Fé, que não podia pregar os olhos. Não tinha sono. A dor que lhe partira o coração com a saída da filha para Tamarineira fizera-o chorar, chorar como aquele conde da cantoria de José Passarinho. Um homem como ele, chorando como um menino (REGO, 1969, p. 209).

A filha dele sofria de uma doença que ninguém conseguia entender direito, nem mesmo seus próprios pais. Como são pobres, permanecem numa espécie de tácita aceitação desse fato, e os procedimentos da filha, apesar de serem incomuns, passam a ser rotineiros, como é a circunstância que sucedia sempre: quando alguém chegava à sua casa, se deparava com Marta, falando alto e consigo mesma. Esses dados apontam para a decadência e para a degradação de José Amaro.

Posteriormente, dentro da narrativa, há a presença de um grupo de cangaceiros liderado pelo Capitão Antonio Silvino, ao qual José Amaro tem amizade e simpatia. Este fazia “justiça” de acordo com sua compreensão desta ação e “desde o começo até o fim do livro, o capitão Antonio Silvino e o seu bando estão presentes, atrás de cada ameaça, prontos para revidar toda injustiça” (CANDIDO, 1992, p. 66). Uma delas foi, na verdade, aterrorizar a Fazenda Santa Fé, com intuito de levar dinheiro de lá. Esse acontecimento é um forte indício da desestruturação da família Chacon.

O assalto ao Santa Fé encheu o noticiário dos jornais. A figura de Vitorino, ferido, espancado, apareceu como de homem de coragem que não temia perigo de espécie alguma. Os protetores do bandido mereciam punição. O

Norte agredia o governo que permitia chefes políticos que se cumpliciavam com o criminoso, acoitando bandidos em suas propriedades (REGO, 1969, p. 262).

O cenário que o narrador relata, apresenta o ponto máximo quando a casa-grande entra em completa degradação, como se fosse uma espécie de ataque a todos os componentes desse círculo, os quais se mostram abalados e assumem definitivamente os ares decadentes. O amigo de José Amaro, Vitorino Carneiro Cunha “é um herói louco, como o puro herói tem que ser” (CANDIDO, 1992, p. 66), que tem idealização de que o sertão com a política seria um lugar melhor, contudo incapaz de perceber o quanto essa visão é ilusória.

Vitorino era parente do senhor de engenho e chefe político do governo José Paulino, dono da Fazenda Santa Rosa. Não pagava impostos, tinha uma tranquilidade e um ar orgulhoso que provocava olhares de indignação e inveja, por parte de alguns. Vitorino sempre é referido no romance em meio a conflitos, mas dessa vez, com o assalto dos cangaceiros à casa do coronel Lula, as pessoas ao seu redor, inclusive as crianças que quando o viam o chamavam de Papa-Rabo, apelido que ele não gostava, passaram a respeitá-lo, devido ao ato corajoso de ter tentado defender a família Chacon do bando de Antonio Silvino. Após o ataque dos cangaceiros, a polícia chega à fazenda e acaba agredindo Vitorino, decidindo por prendê-lo juntamente com Amaro e os demais presentes.

Depois de serem soltos graças à ajuda de José Paulinho, cada um toma um rumo diferente em sua vida. Vitorino agora mais do que tudo decide entrar para política da região e José Amaro decide por fim à sua vida, tendo em vista que fora abandonado pela esposa e tem a consciência pesada de ter colocado sua única filha em um hospital para loucos.

A importância de Vitorino Carneiro Cunha no romance reside no fato de que, apesar dos poucos diálogos entre Amaro e Holanda, estes eram intermediados por ele, tendo em vista que circulava tanto no Santa Fé quanto na casa humilde de José Amaro na beira da estrada. Porém, Vitorino não é um homem onipotente, pelo contrário, se apresenta sempre simpático e com objetivos dirigidos ao bem-estar da população da qual defendia os interesses.

Uma questão relevante apontada por Gilberto Freyre (1989) diz respeito à questão de como os senhores de engenho viam os negros como fonte de lucro para o progresso de suas terras:

Da energia africana ao seu serviço cedo aprenderam muitos dos grandes proprietários que, abusada ou esticada, rendia menos que bem conservada: daí passaram a explorar o escravo no objetivo do maior rendimento, mas sem prejuízo de sua normalidade de eficiência. A eficiência estava no interesse do senhor conservar no negro – seu capital, sua máquina de trabalho, alguma

cousa de si mesmo: donde a alimentação farta e reparadora que Peckolt observou dispensarem os senhores aos escravos no Brasil. A alimentação do negro nos engenhos brasileiros podia não ser nenhum primor de culinária; mas faltar nunca faltava. E sua abundância de milho, toucinho e feijão recomenda-a como regime apropriado ao duro esforço exigido pelo escravo agrícola (FREYRE, 1989, p. 80).

Nesse sentido, há um tratamento aparentemente de cuidados com os negros escravos, todavia, era apenas para que se alimentassem com produtos que trariam força para o trabalho braçal. Na fazenda de Dona Amélia nos tempos de seu falecido pai, os negros, apesar de serem tratados realmente como escravos, recebiam alimentação e rendiam lucros a sua fazenda. O narrador revela a condição dos negros na fazenda:

Os negros do capitão tinham fama. Diziam que no Santa Fé negro só comia uma vez por dia, que couro comia nas suas costas, nos castigos tremendos. O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no côco como a do Santa Rosa. Negro do Santa Fé era de verdade besta de carga. O capitão dizia ele mesmo que negro era só para o trabalho. Êle não era negro e vivia de manhã à noite fazendo sua obrigação (REGO, 1969, p.137).

Já no “comando” de Lula de Holanda, não havia preocupação em alimentá-los. Este tratava muito mal os escravos, exceto um que era como seu braço direito, o negro Floripes, responsável, segundo José Amaro, pelas fofocas a seu respeito que aquele sempre levava ao coronel, a ponto de ocasionar a saída de Amaro das terras do Santa Fé. Após a abolição da escravatura, o único escravo que fica ao lado da família é Floripes, confirmando a importância deste para os Chacon.

Outro ponto importante ainda de acordo com Freyre (1989) está na no fato de que não se pode agregar a expressão casa-grande apenas com os engenhos de cana-de-açúcar, mas esse termo se refere também ao café, produto de grande fonte de lucro e renda para muitos latifundiários e não apenas concentrado nas regiões do nordeste brasileiro do século XX. O escritor de “Fogo Morto” primou em efetuar a abordagem de sua região, tendo em vista que vivenciou e conheceu nitidamente a situação e o ambiente do nordeste açucareiro.

É devido a esses aspectos, que o título do romance entra em consonância com a história, porque na verdade a fazenda Santa Fé devido a todos os fatos ocorridos está de fogo morto, ou seja, na época era uma expressão bem comum designada a fazendas que já não produziam mais o açúcar a partir da cana-de-açúcar.

No fim da narrativa, José Amaro regressa à sua antiga casa com a companhia de José Passarinho, na beira da estrada das terras do engenho de Lula, observando calado cada parte

da casa. Ele apresenta certa tristeza ao verificar o antigo quarto de sua filha Marta, e é nesse local que decide dar cabo de sua existência.

- Mestre, não quer que vá buscar água?

Fez sinal com a cabeça e Passarinho saiu com o pote para a beira do rio. Quando voltou ele estava deitado na rêde. Estava dormindo. Fechou a porta e ficou no quarto que fora da menina Marta. Quando foi mais tarde ouviu uma coisa como de choro. Não quis se levantar, mas acertou bem os ouvidos. Era o mestre José amaro chorando. Deu-lhe um nó na garganta e também chorou. De madrugada saiu para tomar a fresca da aurora. Andou pela beira do rio e lá para as seis horas voltou para ver o mestre. Entrou de sala adentro e viu a coisa mais triste dêste mundo. O mestre estava caído, perto da tenda, com a faca de cortar sola enterrada no peito

- Estava morto, capitão.

- Morto? – gritou Vitorino. – O meu compadre José Amaro Morto?

- A velha Adriana, como uma lesa, não sabia o que dizer, Vitorino abraçou-se com ela:

- Minha velha, o compadre se matou (REGO, 1969, p. 290).

De fato, o término da história é bem triste. Contribuiu para o fechamento dessa representação da decadência na qual se encontra. O curioso a se perceber é que José Amaro se suicida com a ferramenta que para ele era fonte de renda para o sustento da família. Também era uma forma de aliviar sua tensão e raiva em boa parte da narrativa, pois as pessoas não entendiam o porquê de ele agir daquela forma, não entendiam que sua essência era aquela, isto é, de um homem pobre, rústico e de gênio forte.

Lula de Holanda apesar de estar e apresentar mesmo comportamento de Amaro, com ares de tristeza e aspereza, não se suicida e continua atado à sua mentalidade patriarcal, supondo que ainda era um grande senhor dono de terras que davam lucros e status social para ele.

A noite chegara com uma lua muito clara. Vitorino foi até a porta, e o rumor das campainhas do *cabriolé* aproximava-se.

- Lá vem o merda do Lula.

A Luz das lanternas sujava a brancura do luar. Passou a carruagem na porta do Capitão Vitorino, com os cavalos arrastando-se num passo de cansados. Vitorino viu no carro o velho sentado com a família. O senhor de engenho não lhe tirou o chapéu, mas ouviu bem a voz de D. Amélia, dando-lhe boa-noite. O cachorro do Lula pensava que ele fosse um camumbembe qualquer. Botara-o uma vez fora de sua casa. Aquilo era uma leseira de marca. Trepado naquele carro, e com o cercado vazio, as várzeas no mato, o engenho parado (REGO, 1969, p. 287).

5. Considerações Finais

O romance “Fogo Morto” formaliza esteticamente a representação de marcas da decadência da ordem patriarcal, pois prima pela caracterização de personagens principais que se entrelaçam na narrativa, tendo como eixo, a história Lula de Holanda Chacon, enquanto sujeito pertencente à esfera do poder, ou seja, do núcleo ou centro, cuja atuação não deixa dúvidas quanto à sua representação de uma aristocracia rural arruinada devido a determinados fatores, tais como o fim da escravidão, que deu ao Brasil do século XX um novo contexto econômico, fato apontado na narrativa em vários momentos.

Lula de Holanda não só prejudica a si mesmo, como também a todos ao seu redor. Sua esposa acaba completamente desolada sem ter o que fazer e nem saber o que seria do seu futuro ao lado de um homem com tal mentalidade patriarcal e atrasada. O engenho da Fazenda Santa Fé é palco de grandes conflitos, servindo de forte suporte para ilustração da decadência dos engenhos nordestinos que já não tinham mais como fonte de lucro a sustentação mercantilista.

Os personagens José Amaro e Vitorino Carneiro Cunha compõem a trama e possuem papéis de grande importância, pois são homens que, apesar de terem visões de mundo diferentes, possuem mentalidade de dominadores.

A relação hierárquica de núcleo e centro se dá na narrativa à proporção que temos Lula de Holanda como senhor de engenho, Amaro como representante da classe pobre e que vive em suas terras e, por último, Vitorino, que não é exatamente pertencente nem a esfera da nebulosa e nem a do núcleo. É um personagem que habita entre as duas esferas, tendo em vista que não era pobre, mas também não tinha um grande *status* social. Tinha um parente que sempre o protegia e, por isso, sentia-se à vontade, agindo com suas ideias em torno de que só haveria um futuro melhor através da política.

É possível percebermos que vários fatores corroboraram para tematização da decadência dos senhores de engenho, mas a captação exata dessa atmosfera de uma ordem que vai ruindo diante dos olhos do leitor deve-se à grande maestria de José Lins do Rego à medida que temos atrelado a isso um esboço da sociedade rural que se apresenta e se estabelece, não mais sob os moldes patriarcalistas do século anterior. Lembramos que a forte imagem do “cabriolé” contribui realmente para a explanação dessa decadência juntamente com as atitudes intensas do coronel Lula em meio às rezas constantes e recluso em seu universo particular.

De fato, a história narrada por um narrador onisciente ao qual mostra e aponta desde o início da narrativa a real situação do engenho de Amélia, bem como os motivos que levaram

à sua completa degradação, não só contribui como também possibilita a verificação dos pensamentos dos personagens em meio a essa situação de completa decadência, através do uso constante de monólogo interior, que o coronel Holanda expõe todos do círculo social “fraturado” em sua volta, a essa decadência na qual se encontra.

Então, a escolha do personagem Lula de Holanda Chacon como representante da aristocracia rural arruinada é de extrema relevância para se poder pensar como de fato é tematizada a decadência do mundo dos “detentores do poder”. Tanto é que o capítulo dedicado a este personagem se localiza na parte dois do romance, ou melhor, pode ser considerado o cerne da narrativa, haja vista que tudo se dá e acontece atrelado à sua figura de patriarca decadente.

6. Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Os ritmos do tempo em torno do engenho. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 199?, p. 267-274.
- CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- FARIA, Taciana Alves de. *Fogo morto* e o ciclo da cana: por uma reintegração. *Em tese*. UFMG. Belo Horizonte, v. 7, p. 83-89, dez. 2003. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/.../09-Taciana.pdf>. Acesso em: 29 out. 2012.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- GOMES, Heloísa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981.
- Fogo Morto*: Obra de José Lins do Rego. *Palavras rabiscadas*. Disponível em: <<http://mscamp.wordpress.com/paginas-escritas/fogo-morto/>>. Acesso em 25 out. 2012.
- REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Editora: Livraria Olympio. 1969.
- REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Editora Universitária: EDUFF. Niterói. 1987.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. *Fogo morto*. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 57. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.